



ASPECTOS FILOSÓFICOS E EDUCACIONAIS NA OBRA DE RONDON

Parte I

João Marinonio Aveiro Carneiro

Ao longo dos anos temos ouvido falar da obra do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, "O Desbravador dos Sertões", o "Construtor de Linhas Telegráficas", o "Pacificador dos Índios".

*Este trabalho é uma tentativa de clarificar uma face de Rondon que tem permanecido na névoa do seu agir: a face humanista, em seus aspectos filosóficos e educacionais. Para que este escopo fosse atingido procuramos mergulhar na estrutura do pensamento Comteano, no positivismo do Brasil e na vida de Rondon, reunindo fragmentos, buscando aqui e ali seu posicionamento a respeito do HOMEM, quer fosse ele branco, mestiço ou silvícola.*¹

INTRODUÇÃO

Dentre os pensadores levantam-se as causas mais prováveis dos fatos históricos e têm sido aceitas como explicativas da realidade causal as concepções idealista, materialista e a psicológico-social.

Devemos, pois, entender que a História não é feita somente de fatos, e sim de um enfoque lato que implica na interpretação de fatos, ou seja, a História como um todo, é objeto de pesquisa histórica.

Desta maneira, a cada uma das concepções corresponde uma linha de pensamento.

À idealista, cinge-se a posição de que o fato histórico apresenta-se como um processo da evolução do homem, orientado e dirigido pela razão e que se serve das idéias políticas, sociais e econômicas,

bem como pelo posicionamento das imposições geográficas.

Este é o enfoque que predomina nos países democráticos e no Brasil, em especial nas suas Forças Armadas, das quais o Exército é uma das Forças Singulares.

É ainda nesta linha do pensar que as escolas militares forjam os oficiais do amanhã, linha em que o Poder Nacional é visto sob a ótica que o decompõe em suas expressões política, social e econômica. Os fatores geográficos são também incluídos nos Estudos Militares de Área, e é dentro desta perspectiva — da integração dos fatores geográficos como expressão do Poder Nacional — que se destaca acima de todas as outras a figura de Rondon.

A concepção materialista coloca como a causa maior do fato histórico a força econômica. Centra-se

destarte na expectativa do homem na procura do sobreviver e considera este o fator de capital importância. Aqui estamos em presença da base do materialismo histórico expresso por Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1847, sendo o fulcro filosófico do Movimento Comunista Internacional.

Enquanto que a concepção psicológico-social é aquela que se objetiva através de manifestações espirituais produzidas por um grupo social.

Cândido Mariano da Silva Rondon emerge para deixar na História Pátria sua marca como homem de pensamento e de ação. Participa de forma assinalada no episódio da Proclamação da República bem como da expedição de Cuiabá ao Araguaia empreendida por seu comandante, o Herói da Lapa, Antônio Ernesto Gomes Carneiro que o iniciou na difícil arte de lidar com a selva. Inspirou-se no Positivismo, mas também em José Bonifácio e Anchieta.

É pois, um estudo sobre Rondon, sob o enfoque filosófico e educacional que nos propomos a examinar neste trabalho. Desta forma perquirimos a estrutura do pensamento comteano através de sua visualização da Filosofia da História, da Classificação das Ciências, da Sociologia e do Sentido do Positivismo.

Tratamos do Positivismo no Brasil quer sob o prisma da contribuição dos positivistas, quer quanto o positivismo nas Forças Armadas.

Neste momento enfocamos Rondon, sua vida, influências e sua meta — o homem brasileiro.

METODOLOGIA

No trato do tema, utilizamos como fontes as citadas por Francisco Ruas Santos na obra *Temas e Pesquisas sobre História Militar* editada pela AMAN.

Na linha de transmissão oral, entrevistamo-nos, por vezes inúmeras, com Antônio dos Santos Oliveira Júnior, secretário particular do Marechal Rondon, também do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (por mais de vinte anos) e também com oficiais e civis que conviveram com Rondon, destacando-se entre eles o General Joaquim Rondon.

No que se refere à transmissão escrita, louvamo-nos nas que trataram da formação da Escola do Recife, do "surto das idéias novas", no dizer de Sílvio Romero, da formação de correntes políticas de inspiração positiva.

De Rondon, analisamos as cadernetas de campo, seus discursos, suas falas, Boletins e Ordens do Dia, bem como recortes de jornais da época, usando para isto a Hemerografia.

Finalmente, utilizamos como fontes, aquilo que sobre o "Civilizador do Sertão", tantos escreveram, sob os mais variados matizes, ao longo dos tempos.

A ESTRUTURA DO PENSAMENTO COMTEANO

Para Sócrates, Kant e o existencialismo moderno, a filosofia é "uma procura normal, a do nosso verdadeiro destino"².

Comte, ao contrário, afirma que a filosofia nada mais é que a reunião das ciências positivas que a absorvem, resultando, daí, não haver propriamente filosofia.

Partindo de Hume, fundador do positivismo na filosofia moderna, Comte torna-se, no entanto, o seu principal representante, pregando uma total reforma intelectual dos indivíduos, a fim de que possa ser reorganizada a sociedade. Assim distinguindo-se dos outros filósofos do seu tempo, encontra em Condorcet (1743-1749) um "imediato predecessor" em razão deste traçar em sua obra o *"Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano"* cujo estudo foi decisivo para a formação de Comte.

Comte vê no quadro do desenvolvimento da humanidade, de Condorcet, o homem caminhando para uma era resultante das luzes da razão. Essa idéia é que vai nortear e fundamentar a filosofia Comteana, cujo sistema irá se estruturar sobre três sistemas básicos: uma filosofia da história, uma fundamentação e classificação das ciências e uma sociologia.

Rondon ajusta toda visualização positiva à sua profissão de oficial do Exército.

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Comte, como Hegel, pensa que não se pode conhecer o espírito humano, salvo através de obras de civilização e história dos conhecimentos, bem como, das ciências, produzidas sucessivamente e alternadamente, no curso da história, pela inteligência humana.

Apesar de Comte ser de certa forma tão idealista quanto Hegel, nega que o sujeito possa conhecer a si mesmo (a introspecção), quando objeto de observação, em virtude do sujeito confundir-se com o objeto estudado. Para ele, a vida espiritual autêntica não passa de uma atividade científica desenvolvida ao longo do curso da existência.

O conhecimento humano, tanto individual como da humanidade em si, para explicar o universo passa forçosamente por três estados históricos e distintos regidos por uma grande lei fundamental, a lei dos três estados.

"Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo"³

O estado teológico

A teologia até o século XIII exerceu seu domínio sobre a humanidade, criando-se, por sua causa, uma organização militar e monárquica. É a era do direito divino. O estado teológico ou fictício é provisório e preparatório. O seu método (o teológico) é o ponto de partida necessário ao processo do desenvolvimento cultural.

No estado teológico, pensa Comte:

"O espírito humano, dirigindo essencialmente suas investi-

gações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo”⁴.

A imaginação desempenha, neste estado, o principal papel diante de uma natureza ainda desconhecida e cheia de seres sobrenaturais, supostos causadores dos fenômenos inexplicáveis.

Além de explicar a natureza, a mentalidade teológica exerce confiando na autoridade do direito divino, uma coerção social, provocando uma coesão social e fundamental à vida moral. Este estado possui três fases distintas: o fetichismo, o politeísmo e o monoteísmo.

No fetichismo, aos seres naturais dá-se uma vida espiritual semelhante à do ser humano, e, lhes são atribuídos poderes mágicos ou divinos.

O estado metafísico

Mera modificação do estado anterior, o estado metafísico substitui os “deuses” por forças abstratas. É um estado de transição e essencialmente crítico. Nele se segue a busca dos conhecimentos absolutos. A metafísica procura explicar a natureza dos seres, assim como sua essência e suas causas.

Este estado não perde, no fundo, a sua característica antropomórfica herdada do estado antecessor. Persiste o medo do “vazio”, o que força o homem a projetar espontaneamente, às vezes, sua psicologia sobre a natureza.

A metafísica destrói a idéia, predominante no estado teológico, de subordinação do homem como da natureza aos poderes sobrenaturais. As idéias de princípio e causa, substância e essência, passam a designar coisas distintas das próprias coisas, sem deixarem, no entanto, de permanecer inerentes a elas, das quais ficam mais perto.

Os poderes que se absorviam ou centralizavam, no conceito de Deus, no estado anterior, tornam-se no estado metafísico concentrados na natureza, que é o que lhe serve de suporte, mas de maneira mais fraca, quer sob o aspecto mental quer social.

Numa observação histórico-político, para Comte fica evidenciado que os revolucionários franceses de 1789 são em sua maioria “metafísicos”, na procura de substituir o rei pelos juristas, na suposição de que a sociedade, tendo sua origem num contrato social, baseiam-se na teoria de que o Estado é o representante da soberania do povo. A Revolução Francesa é um belo exemplo da crise de puberdade do espírito humano, onde os revolucionários evocam os “direitos” do homem, sem, no entanto, serem portadores de um conteúdo real. Mas, não obstante, é o primeiro passo para o estado positivo.

O estado positivo

O estado positivo ou real é o estado definitivo. Nele, a imaginação fica subordinada à observação. O conhecimento científico, para Comte, representa a maturidade do espírito humano que, reconhecendo sua impossibilidade de obter noções absolutas,

"renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir"⁵.

Contestando a possibilidade do conhecimento das coisas em si, o positivismo investiga somente os fatos e suas leis, nos quais baseia suas teses, aceitando a certeza como resultado das ciências experimentais, razão por que abrir mais para ocupar o espaço, exige de toda ciência não só que "parta de fatos tomados no sentido de objetos perceptíveis, como também que se limite a comprová-los e a unir-los por leis"⁶.

Comte, em seu *"Cours de Philosophie Positive"*, ao tecer considerações gerais sobre a natureza e

a importância da filosofia, na 1^a lição e a hierarquia das ciências positivas, na 2^a lição ratifica este posicionamento de seu espírito positivista.

A CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS

Comte, ao fazer uma classificação das ciências — seu segundo tema básico, da filosofia positiva — deixa-a vinculada à filosofia da história. Ao traçar o mapa do desenvolvimento histórico do espírito, na busca da realidade, demonstra a existência da lei dos três estados, presente na evolução de cada ciência, o que evidencia a grande influência que esta classificação exerce sobre alguns caracteres de seu pensamento. Esta classificação das ciências torna-se a base do esquema filosófico de Comte.

A ordem hierárquica das ciências, determinada por Comte, tem sua superestrutura construída sobre a matemática e segue pela astronomia, físico-química, biologia e sociologia. Esta hierarquia obedece ao sentido histórico e dogmático, científico e lógico.

No decurso da história, as várias ciências não se tornam positivas de imediato, mas na ordem que surgem e alcançam seu estado positivo, depois são ordenadas das mais simples para as mais complexas e finalmente, segundo sua independência. Comte acredita coroar entre as ciências, a sociologia, por ele criada.

A psicologia introspetiva, para Comte, é impossível. Ele só admi-

te a existência da psicologia, como possibilidade, no campo experimental e assim mesmo repartida entre a biologia e a sociologia. Esta evolução das ciências indicada por Comte é exata em suas linhas gerais, mas nem por isso se pode deixar de lado a filosofia, convertendo-a em teoria da ciência. Comte mesmo não pensa assim. De lado do que acredita fazer, existe o que efetivamente faz.

O filósofo é, para Comte, o especialista das generalidades. É aquele que enfoca o conjunto da evolução das ciências, percebendo que as mais complexas são dependentes das mais simples.

"É preciso ser matemático para fazer física, químico para fazer biologia. O sociólogo, que estuda esse organismo complexo e dependente que é a humanidade, necessita, pouco a pouco, conhecer as outras ciências que estudam precisamente as condições de existência da humanidade".

A SOCIOLOGIA

Comte é o fundador da ciência da sociedade que chamou de Sociologia. Esta ciência reveste-se de capital importância. É o momento decisivo na filosofia de Comte.

O século XIX, século da expansão européia e do apogeu das ciências, que no decorrer da história, se confundem com a filosofia e desta se separam, como ramos de um tronco uno, é também o século do aparecimento do *encyclopédismo sociológico* que busca solucionar os problemas sociais,

corrente filosófica, cujos representantes principais são Spencer e Comte, seu principal pioneiro e fundador da sociologia que é tratada a princípio, por Comte, como ciência social, em seu *Curso de Filosofia Positiva*, sob a denominação de Física Social.

A fim de distinguir sua física social de *Physique Sociale* do belga Quetelet, em seu *"Essay de Physique Sociale"* (1935), estudada através da estatística, Comte cria uma nova denominação equivalente à Física Social, de dupla raiz: *Socius*, do latim e *logia*, do grego que resulta em Sociologia. Comte declara-se, pois, o fundador da "Sociologia Científica", que jamais poderá se tornar uma doutrina isolada, primitiva ou independente das outras, porque será sempre precedida, como preparada, pelas noções dos demais fenômenos mais simples. O objeto desta nova ciência constitui-se da humanidade.

"Embora Comte lançasse os fundamentos da nova sociologia, não escreveu nenhum tratado geral sobre o assunto. Sua contribuição consistiu principalmente em conseguir um lugar próprio, entre as ciências, para o novo ramo do conhecimento humano, e em destacar a importância do estudo da sociologia como meio auxiliar do homem no controle do meio ambiente".

Comte distingue ainda a *sociologia estatística da sociologia dinâmica*.

A primeira trata da estatística social e foi estudada por Comte

muito superficialmente no seu Curso de Filosofia Positiva, sendo mais tarde reexaminada no Sistema de Política Positiva, entendendo-a como um "estudo positivo" que trata das condições gerais de toda a vida social, independente de tempo e lugar. Para o estudo da "ordem" social, Comte considera que só através do consenso social é possível a existência de qualquer sociedade.

Ao tratar da sociologia dinâmica, versa sobre as leis sociais e as transformações sociais, ou seja, sobre a marcha do "progresso" necessário e contínuo da humanidade.

É ainda, no século XIX, tão conturbado pelos reflexos políticos e sociais da Revolução Francesa (1789), que tem origem a obra filosófica de Comte, eminentemente de caráter social, político e de profunda religiosidade. "A religião positiva substitui o Deus das religiões reveladas pela própria humanidade, considerada como Grande-Ser"⁹ na busca da harmonia do espírito humano e da reorganização da sociedade ocidental e sistematização da moral, constituindo-se numa síntese de filosofia e política, cuja influência no curso da história é encontrada, também, no Brasil, onde:

"A formulação da nova política indigenista coube aos positivistas que, baseados no evolucionismo de Auguste Comte, propugnavam pela autonomia das nações indígenas que uma vez libertas das pressões e amparadas pelo governo, evoluíram espontaneamente"¹⁰.

Essa política deveria substituir a nefanda tese de Hermann Von Ihering, que defendia o extermínio do índio brasileiro, por nada de útil poder contribuir para a civilização.

A religião da humanidade, formulada por Comte, transpõe as idéias das relações exteriores. Isto acontece nos últimos quinze anos de sua vida, quando estabelece os princípios fundamentais de sua religião e formula o "Calendário positivista para um ano qualquer ou quadro concreto da reparação humana" cujos meses recebem os nomes de grandes figuras da história:

- Primeiro mês: MOÍSES
A teocracia inicial;
- Segundo mês: HOMERO
A poesia — antiga;
- Terceiro mês: ARISTÓTELES
A filosofia — antiga;
- Quarto mês: ARQUIMEDES
A ciência — antiga;
- Quinto mês: CESAR
A civilização militar;
- Sexto mês: SÃO PAULO
O Catolicismo;
- Sétimo mês: CARLOS MAGNO
A civilização feudal;
- Oitavo mês: DANTE
A epopéia moderna;
- Nono mês: GUTENBERG
A indústria moderna;
- Décimo mês: SHAKESPEARE
O drama moderno;
- Undécimo mês: DESCARTES
A filosofia moderna;
- Duodécimo mês: FREDERICO
A política moderna;
- Dudécimo terceiro mês: BICHAT
A ciência moderna.

Os meses, em numero de treze, possuem cada um 28 dias.

No *Catechisme Positiviste* (1852), a idéia central de Comte reside na substituição do Deus cristão pela Humanidade.

O SENTIDO DO POSITIVISMO

O que mais chama a atenção em Comte é a importância que ele atribui a si mesmo. Consciente dessa enorme e definitiva importância sua para o mundo, começa sempre seus livros com um ar vitorioso, cheio de um tom enfático inaugural. Por que Comte tem tanta importância? O que é que o traz com tanta gravidade entre as mãos? Observa-se como este primeiro gesto solene, quase hierático, se enlaça mentalmente com as cerimônias finais de Religião da Humanidade. E mister buscar o fio que vai de uma coisa a outra.

Auguste Comte está seguro de não falar em seu próprio nome: sua voz não é só sua; é a voz concreta, individualizada, da história; por isso sonha com tanta majestade. Comte está — não se pode duvidar — *ao nível de seu século*. E isto é o que importa. Estar ao nível de seu século quer dizer estar instalado na filosofia positiva, e isto não é nada menos que o estudo definitivo da mente humana. Estar ao nível de seu século significa, pois, haver chegado já e não estar na metade do caminho. Esta ciência positiva é uma disciplina de modéstia; e isto é sua virtude.

O saber positivo se atém humildemente às coisas; se fica ante elas, sem intervir, sem saltar por cima para aventurar-se em falaciosos jogos de idéias; já não pede *causas*, senão só *leis*. E graças a esta austerdade, logra essas leis; e as posse com precisão e com certeza. Mas o caso é que esta situação não é primária, pelo contrário, é o resultado dos esforços milenários para a reter na mente, que se escapava para todas as distâncias, e forçá-la a voltar-se docilmente para as coisas.

Estes esforços constituem a história inteira; de toda ela terá que dar conta Comte, para poder entender o positivismo como o que é, fielmente, sem falseá-lo, de um modo *positivo*. E não é senão um *resultado*. Assim vemos que o mesmo imperativo de positividade postula também uma filosofia da história; e este seria o primeiro de seu sistema; a lei dos três estados. A filosofia positiva é, *ab initio*, algo histórico.

Por uma ou outra vez retorna Comte, de modo mais explícito, ao problema da história, e a reclama como domínio próprio da filosofia positiva. "*Tout est relatif; voilà le seul principe absolu*" — havia escrito em 1817, sendo ainda muito jovem —. E nessa relatividade encontra, quase trinta anos mais tarde, a razão do caráter histórico da filosofia positiva, que pode explicar o passado inteiro. Isto não é um luxo da filosofia, algo que se dá por dilettantismo, senão, como tem sabido ver e mostrar Ortega, o capital de sua metafísica. Comte não se tivera, tal-

vez, dado conta disto, porque não pensava fazer metafísica; mas não lhe escapa a importância central deste relativismo. Nele se fundamenta a capacidade do progresso da filosofia positiva; e com ele, a possibilidade de alterar e melhorar, não só a condição do homem, sobretudo, sua natureza. Isto é de mais grave que cabe dizer, e, por isso mesmo, não quero fazer mais que recolhê-lo; um comentário suficiente levaria a problemas que aqui não é possível nem ainda delinear.

Mas não quero deixar de citar umas palavras de Comte, claríssimas e atuais, que bem manifestam seu pensamento: *"Hoje se pode assegurar — escrever que a doutrina que haja explicado suficientemente o conjunto do passado obterá inexoravelmente, por consequência desta única prova, a presidência mental do porvir."*

Vemos, pois, que por debaixo de seu naturalismo científico se encontra em Comte, como o essencial, um pensamento histórico. E isto é o que dá sua maior atualidade e fecundidade a sua filosofia. Toda ela está entrecortada, pelo problema que tem intentado precisar, donde se manifesta sua unidade mais profunda. E esta unidade é, justamente, o espírito positivo.

O POSITIVISMO NO BRASIL

A CONTRIBUIÇÃO DOS POSITIVISTAS

É na década de 1870 que surge no Brasil o movimento científico-

ta através de dois momentos: o momento positivista e a Escola de Recife.

Na tentativa de sobrepor-se ao positivismo, Tobias Barreto (1839/1889) nos oferece o conceito neokantiano de filosofia, ou seja, que a filosofia deveria manter-se a nível de epistemologia.

Algumas de suas teses vieram a permitir que o "culturalismo" surgisse entre nós.

A meta a que se propunha Tobias Barreto, no entanto, não teve sucesso através de seus seguidores, o que permitiu que o positivismo tivesse lugar de destaque na cultura nacional.

É de 1º de abril de 1876 a criação da primeira Associação Positivista, resultante da união entre os seguidores de Littré e de Comte.

Os primeiros não aceitavam a religião da humanidade em que desembocara a obra de Comte, e se diziam seguidores de Emile Littré. Dentre eles se destacavam: Oliveira Guimarães, professor do Colégio Pedro II; Benjamin Constant, professor da Escola Militar; Alvaro de Oliveira, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes.

Tal Associação tinha como objetivo, a implantação de Cursos bem como a Organização de uma Biblioteca dentro da orientação científica de Augusto Comte.

Como era previsto, a tentativa de composição em uma única entidade, das linhas divergentes, não permitiu que a Associação cumprisse seus objetivos o que somente aconteceu quando Miguel Le-

mos se posiciona como um mediador.

Tendo viajado a Paris para concluir o Curso Politécnico, Miguel Lemos desilude-se após um contato com Littré, tendo-se referido à sua forma seca, à sua inação e ao fato de que se enclausurava no ambiente de trabalho.

Neste ínterim, Miguel Lemos ao ler o *Sistema de Política Positiva de Comte*, toma conhecimento da concepção do Mestre da Religião da Humanidade e conclui de forma peremptória que Littré os enganava.

Este é o momento de sua conversão religiosa.

Alia-se a Teixeira Mendes e juntos proclamavam a ortodoxia da doutrina positivista e assim a 5 de setembro de 1789, a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro declara-se filiada a Pierre Lafitte sob a presidência de Joaquim Ribeiro de Mendonça no 21º aniversário da morte de Comte.

Como decorrência, Pereira Barreto e outros dissidentes afastaram-se e a 25 de novembro de 1880, Miguel Lemos recebe o grau de Aspirante ao Sacerdócio da Humanidade.

Ao regressar ao Rio de Janeiro assume a presidência da Sociedade Positivista Brasileira que tem como objetivo o desenvolvimento do Culto, a organização do ensino da doutrina, preconizando a intervenção nos negócios públicos, dentro da oportunidade.

Dois incidentes vão ocorrer, um com Benjamin Constant e outro com Quintino Bocaiuva. No primeiro caso Benjamin Constant se

opõe à contribuição obrigatória à Sociedade Positivista. No segundo, trata-se da retirada de apoio a Quintino Bocaiuva, de quem Miguel Lemos, por questão de ponto de vista doutrinário, discordava. Assim, na medida em que sua intenção era a ortodoxia não poderia permitir-se outras interpretações.

De 53 membros efetivos em 1881 chega-se a 59 em 1882 e em 1888 o apostolado já tem 53.

Com o advento da abolição do cativeiro a Igreja Positivista opõe-se à República propagando a idéia de modificações desde que realizadas pela própria monarquia a nível ditatorial, embora não fosse muito explícita a respeito.

Em carta a Joaquim Nabuco, em outubro de 1888, Miguel Lemos dá seus enfoques de República, como sendo a eliminação da dinastia, substituindo-a por um presidente efetivo e temporário, o que significa substituir o absurdo teológico pelo absurdo metafísico.

Desta forma o fundador do Apostolado ignora o Movimento Republicano. Surpreende-se com a Proclamação da República e muito mais quando vê que Benjamin Constant coloca-se em realce.

Abriegava a Igreja Positivista, neste momento, na ordem de 50 subscritores, ou seja, não possuía mais a projeção cultural que tanto buscara. Os dissidentes sofrem rude golpe com o passamento de Littré em 1881 e quando da Proclamação da República, a única figura emergente dos dissidentes era Luiz Pereira Barreto, não-religioso,

anti-autoritário em política e pedagógico.

Havia nas hostes republicanas, jovens positivistas confessos, vindos da Escola de Direito, mas ainda não era um número considerável. Os professores de Matemática e Ciências Exatas das Escolas Militares e Politécnica abraçaram-se às idéias de Comtê.

Tobias Barreto queria conservar a filosofia, opondo-se ao comtismo. O Fundador da Escola do Recife conseguia número crescente de adeptos, construindo núcleos nas capitais nordestinas, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

Silvio Romero, catedrático do Colégio Pedro II e jornalista, sagrou-se como um dos maiores intelectuais do país ao publicar "A História da Literatura Brasileira". A Faculdade de Direito de São Paulo, por ter tradição Krausista, não era simpática ao positivismo e não seria ela que iria concorrer para que a tradição espiritual do Império fosse renovada.

O Positivismo teria sua ascensão com a Proclamação da República.

O POSITIVISMO E A DOUTRINAÇÃO DO AUTORITARISMO

O positivismo comtiano forneceria dados para a doutrinação do autoritarismo, que se fez presente na história política republicana e que depois se desenvolveu através de formas novas.

A presença de Demétrio Ribeiro no governo provisório facilitou várias negociações deste com o apostolado positivista, entre elas o de-

senho da bandeira, e a forma da saudação nos documentos oficiais.

Também a separação da Igreja do Estado, fato esse, desejado pela intelectualidade e políticos mas conseguido graças à iniciativa positivista.

Cruz Costa, um dos principais historiadores do positivismo brasileiro afirmou que foi no período de Demétrio Ribeiro, no governo provisório, que se criou falsamente a idéia de que o positivismo teria criado a República no Brasil.

Quando fez a convocação à Assembléia Constituinte, o governo provisório ficou contra o apostolado e os positivistas. A constituição de 1891 negou-se à proposta dos Positivistas de acabar com o Parlamento e evocar todo o poder do Executivo. Apesar das dificuldades a Constituinte Liberal iria colocar-se como uma prática autoritária. Não estavam se entendendo o poder do Congresso e o poder do presidente, a não ser nos artigos constitucionais.

Com o atentado contra o Marechal Machado Bittencourt, Prudente de Moraes teria elementos para afirmar que o regime adotado a partir de 1889, outorgara grandes poderes ao presidente da República e aos seus sucessores.

Campos Sales, quando introduziu a política dos governadores teve garantida por cerca de 20 anos essa prática do autoritarismo.

O Castilhismo, com Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas, introduziu o autoritarismo doutrinário, que teve continuidade durante a República Velha. Os livros: "A Constituição Política do R. G. do

Sul"; "O R.G. do Sul e suas instituições governamentais", resumiram o autoritarismo doutrinário. Ao ocupante do Executivo são legados todos os poderes, tendo inclusive domínio sobre os municípios, sem se saber quando se efetuariam novas eleições. Tudo isso influenciado pelos ensinamentos de Comte.

Outra doutrina autoritária era o chamado autoritarismo instrumental formulado inicialmente por Oliveira Viana (1883-1951), e que se alicerçava na afirmativa de que o sistema liberal supõe a existência de uma Sociedade Liberal.

O autoritarismo instrumental discorda de que para se colocar ordem na sociedade, teria que haver uma evolução natural e espontânea. Através da tentativa de se transformar a sociedade, acreditava-se chegar a um sistema liberal, apoiado num governo forte e atuante. Wanderley Guilherme dos Santos, na obra *"Ordem Burguesa e Liberalismo Político"* afirma que no Brasil não existe uma sociedade liberal mas sim autoritária.

No sentir de Wanderley Guilherme, o Estado Novo teve como componente o autoritarismo, enquanto que o autoritarismo instrumental tem atuado somente após a Guerra Mundial.

Foram fortes, no século XX, as doutrinas autoritárias, introduzidas na praxe e na doutrina política através das idéias oriundas do positivismo, como também inspiradoras das reformas de ensino. Analisada na primeira parte deste capítulo, a contribuição do Positivismo à formulação do autorita-

rismo republicano, passemos a estudar a sua influência no terreno da educação.

A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO NA EDUCAÇÃO

A filosofia educacional positivista estava baseada na crença de que a organização social poderia ser estruturada em bases científicas. Inclusive boa parcela das reformas da Escola Nova, que inspiram aspectos básicos do ensino atual, provém dessa crença.

Augusto Comte achava que as Forças Armadas deveriam se deter no trabalho de policiar, enquanto que Benjamin Constant defendia a idéia de que as Forças Armadas não deveriam ser somente instrumento servil e maleável e sim um apoio inteligente das instituições republicanas. Os positivistas brasileiros (militares como Constant e civis como Castilho) alargavam o raio de ação da nova filosofia, para além das fronteiras moralizadoras e pedagógicas assinaladas pelo mestre. Isso não impede, no entanto, que estudemos a contribuição dos positivistas brasileiros à questão educacional.

Na doutrina de Comte havia a separação dos poderes espiritual e temporal, sendo que, ao poder espiritual era legada a responsabilidade pela educação.

No ensino superior foi acentuado o sentido profissionalizante, com o apoio da elite republicana. A Universidade não teve sua existência formalizada. Os positivistas argumentavam contra a Universidade e, em contrapartida, a idéia

de Universidade se consolidava na Sociedade Brasileira, ao longo das décadas de vinte e de trinta.

Pereira Barreto era um positivista que se colocava contra a Universidade, argumentando, que no julgamento de qualquer fenômeno, era preciso submetê-lo à lei de Augusto Comte, dos três estados. Essa lei afirmava que antes do ciclo metafísico tinha-se dado uma fase teológica na humanidade. O estado positivo constituiu-se como etapa superior do curso de desenvolvimento da humanidade.

Pereira Barreto considerava que, sobrepondo-se às doutrinas teológicas e metafísicas, a Universidade teria que se dispor a adotar uma terceira filosofia com a chegada da ciência.

Teixeira Mendes escreveu vários artigos combatendo a corrente que era a favor da criação da Universidade que não ia de encontro à grandeza nacional. Dizia que a nação precisava da redução dos parasitas que exploravam o proletariado, para que este pudesse ter uma família e condições morais mais bem estruturadas.

O governo brasileiro, frisava Teixeira Mendes, deveria renunciar ao estabelecimento de um sistema de Educação Nacional. Para a concretização desse empreendimento, os positivistas dariam a sua contribuição no momento oportuno. Até que tal fato não acontecesse, a educação estaria desligada de qualquer corrente filosófica, desenvolvendo o ensino profissional. Mas os positivistas influenciaram nos órgãos decisórios e foram acusados pelo fato de ter sido

abandonada a idéia de implantar a Universidade.

O deputado Gastão da Cunha contestou as causas que levaram Comte a discordar da criação da Universidade e afirma que Emile Littré reconheceu o equívoco em que se envolveram os positivistas ao irem contra a Universidade e a favor de um suposto ensino positivista.

No meio cultural brasileiro foi notória a ascensão do positivismo, através da adesão de professores de Matemática e de Ciências. Ivan Lins, na sua *"História do Positivismo no Brasil"* historiou esse fenômeno, que se tornou manifesto na Escola Politécnica, no Colégio Pedro II, na Escola Militar, na Escola Naval, etc.

Não se pode negar que a ciência é um saber altamente operativo, enquanto a filosofia é altamente especulativa. Cabia à ciência, no seu início, o estabelecimento da verdade. Supunha-se, no século XIX, que a ciência se compunha de observações e não de hipótese. Augusto Comte não conseguiu inovar e considerou que a ciência seria acabada, ao formular a lei dos três estados.

O conceito Comteano teve lugar de destaque na Escola Politécnica, até que Otto de Alencar (1874/1912) publicou um artigo de nome *"Alguns erros de matemática na síntese subjetiva de Augusto Comte"*.

A crítica de Otto de Alencar foi avaliada por Amoroso Costa (1885/1928), questionando a não inovação de Comte em relação à Ciência.

A ascenção do positivismo se faz presente nas primeiras décadas republicanas, embora tenha sofrido uma derrota, a partir de pregação de Otto de Alencar.

A igreja positivista passa a fazer centro de suas atenções as questões morais, centro esse, antes ocupado pelas questões políticas. Jackson de Figueiredo (1891/1928), escreveu em 1922, avaliando a participação dos positivistas na agitação tenentista, exaltando Teixeira Mendes, como sendo a capacidade máxima do positivismo, dando lição de moralidade política aos seus discípulos participantes da agitação tenentista.

Resumindo, a influência do positivismo na República Velha, vem a ser confirmada a partir dos dados a seguir:

1. Emergência do autoritarismo republicano.
2. Sucessivas reformas de ensino primário e secundário.
3. Aceitação pela elite dirigente, da contestação dos positivistas em relação à Universidade.
4. Adesão do professorado de Ciências às idéias de Comte.
5. Tratamento das questões morais, assumido pela Igreja Positivista, antes ligado à Igreja Católica.

O POSITIVISMO E AS FORÇAS ARMADAS

Benjamin Constant e os Novos Rumos

"Benjamin Constant professava como sábio, modesto e bom; predicava como um filósofo sincero e veemente; exemplificava como um moralista austero

e irrepreensível. Era admirado pelo saber, adorado por sua integridade"11.

Centrados nas filosofias progressistas do século XIX em que se concatenavam as idéias firmadas por Comte com a lei dos três estados, Spencer com a passagem do homogêneo para o heterogêneo, Darwin e Haeckel com a luta pela vida, os intelectuais brasileiros optam por uma destas linhas de pensamento, tentando através dela, compreender e explicar a realidade nacional, colocando os "pés em terra", dentro de uma realia, fugindo desta maneira, do sonho romântico.

É claro que estes debates tiveram eco na Escola Politécnica, Faculdade de Diritto de Recife e São Paulo, na Escola de Medicina e na Escola Militar da Praia Vermelha. Não poderiam ficar alheios a estes novos rumos que estavam se delineando face, principalmente, ao incormismo filosófico-político oriundo da Guerra do Paraguai, que aí surgindo viria a se espalhar pelo Exército.

Mas contra quem ou contra o que estava havendo tamanha agitação?

Podemos levantar a hipótese de que, basicamente, se insurgiam contra o catolicismo oficial, que interferia no ensino, nos atos da vida civil; contra a política oficial, onde a mentira, o exaurir dos partidos e a centralização embotava o pensamento político; contra o sistema social e econômico, a escravidão e instituições inadequadas para a evolução que se pretendia realizar.

Evidentemente, que as saídas estavam naqueles que procuravam o respaldo da Ciência em lugar da Religião, para a resolução dos problemas do Homem.

Desta maneira, emergem o positivismo e o evolucionismo Spenceriano, como que, dando as respostas esperadas pela elite pensante à época.

Na Escola Militar, logo a partir de 1850, alguns professores já haviam posto a descoberto as formulações de Comte, a "Geometrie Analytique" e no primeiro volume dos "Cours de Philosophie Positive", porém, é com a chegada de Benjamin Constant que os véus da Filosofia Matemática, Filosofia da História e da Sociologia passam a assumir posições mais definidas.

Desta maneira, face a dois ingredientes básicos, o currículo, centrado em estudo matemático, e a ação proselitista de Benjamin Constant, o sistema de Augusto Comte, haveria de medrar na Escola Militar.

Com uma matemática temível, a Escola Militar apresentava naquele momento, uma nova linha, a das sínteses expositivas e de formulações filosóficas, sem a matematização dantes ardilosa. O temor transforma-se em simpatia, entusiasmo, interesse e devotamento mesmo, àquele mestre que suave e fluente, levava seus alunos a outras fronteiras.

Ora, sua maneira de tratar, sua fluência no expor as idéias, seu saber e principalmente sua independência no trato dos assuntos malgrado a visão nem sempre favorável de quem lhe era superior, fa-

zia com que alunos chegassem mesmo, em determinados eventos ao delírio, quando se soerguia à Filosofia da História e a Dinâmica Social.

Rondon, assim se exprimiu a respeito — "Benjamin Constant operava o prodígio quase sobre-humano de transfigurar a sua Cátedra de Geometria Algébrica em Altar levantado à mais pura idealização da pátria"¹².

Podemos vislumbrar o plano de curso desenvolvido por Benjamin Constant:

1. Definição e conceito da Geometria Analítica;
2. Posição da Geometria Analítica no conjunto da Ciência Matemática;
3. Definição, conceituação e posição da Matemática no conjunto das Ciências Políticas;
4. Conceito da Ciência Positiva, lei dos três estados;
5. Classificação das Ciências: as sete ciências positivas, seus conteúdos e métodos próprios;
6. A Sociologia, a Estatística e a Dinâmica Sociais;
7. Conclusões sobre a Matemática em Geral e a Geometria Analítica em particular¹³.

Ora, depreende-se do exposto que o que realmente ocorria é que dentro do enfoque de Filosofia das Ciências, havia um realce ao Positivismo, sendo tônica de suas aulas o agnosticismo, a dinâmica social e política, bem como a condenação dos regimes monárquicos.

Conforme já foi dito, entretanto, nem todos, na própria Escola Militar, filiavam-se a Comte, ou-

etros havia que seguiam a linha Spenceriana.

É Rondon que nos diz ao comentar sobre Euclides da Cunha:

*"Euclides foi discípulo de Benjamin. Espírito mais propenso aos grandes reptos da imaginação do que à calma disciplina das meditações científicas, viu abrirem-se-lhe as páginas da portentosa construção do filósofo de Montpellier sem se deter em penetrar-lhes o sentido. Mais encanto encontrou na obra de Spencer a que se filiavam muitos dos brilhantes alunos da Escola Militar dessa época"*¹⁴.

Tal tipo de abordagem e suas influências à época, podem ser perfeitamente constatadas ao nos reportarmos à "Revista da Família Acadêmica", em que os trabalhos de Pierre Laffite, como "O Positivismo e a Economia Política", surgiam em tradução.

Porém, a idéia de generalização do pensamento de Comte se impõe muito mais pela forma e pela presença indiscutível de Benjamin Constant, muito embora à sua chegada à Escola Militar em 1872, as idéias positivistas já encontravam as raízes lançadas, apoiadas por mestre e alunos.

Muitos oficiais e alunos freqüentavam o Templo da Humanidade, e suas conferências e opúsculos circulavam de forma livre na Escola Militar.

Benjamin Constant, salvo o movimento episódico em que esteve no teatro da Guerra do Paraguai, foi o mestre de Matemática embora fosse do Corpo de Engenheiros.

É ele quem diz e também o faz seu dileto discípulo Tasso Fragoso, que Benjamin Constant ingressara no Exército com "duplo intento de auxiliar o sustento da família e de proporcionar-lhe os meios materiais indispensáveis ao prosseguimento de seus estudos e que assim procedendo violentava ele as suas naturais tendências contra a profissão guerreira pela qual jamais pôde contrair gosto"¹⁵.

Teixeira Mendes diz dele:

*"O caso de Benjamin Constant é um tipo a este respeito (as escolas militares eram acessíveis aos pobres); no tempo dele e depois, uma grande parte de oficiais do Exército Brasileiro continuou a ser recrutada entre jovens que procuravam a vida militar como um meio de adquirir a instrução que ambicionavam, sem nenhuma vocação guerreira"*¹⁶ (o grifo é nosso).

Em nenhum momento, Benjamin Constant escondia o não gostar de sua profissão. Por inúmeras vezes, havia se encorajado a demitir-se. Sua experiência de combate não o deixou feliz. Tentara por sete vezes alcançar o Magistério do Exército.

Avocado por Dr. Benjamin e não por Major Benjamin, por suas condições morais de destaque, por sua maneira sobranceira e cultura filosófica, não nutria naquela mocidade, atitudes marciais e de projeção profissional.

Posteriormente, veremos o quanto de funesto foi tal maneira de ser ao desenvolvimento profissional do Exército e como isto ainda

se encontra imerso no inconsciente coletivo.

Em concurso ao Magistério (1873), fez uma declaração de fé positivista em presença do próprio Imperador.

Mas nada disto pôde, de forma alguma — malgrado Medeiros de Albuquerque — em *"Minha Vida"* — discordar — desfazer de sua grande capacidade magisterial.

Não foi a título gratuito que obteve sua fama. Por duas vezes o próprio Imperador o convidara para ser o preceptor de seus filhos, e mesmo não tendo prosseguido neste encargo, em nada diminuía a consideração e o respeito que D Pedro II por ele devotava.

Para Licínio Cardoso *"foi antes de tudo um professor... formador de alunos"*¹⁷. Agliberto Xavier assim descreve sua didática:

"Benjamin Constant, em suas aulas, começava revelando a importância da teoria que ia ensinar em sua relação com outras; em seguida, traçava a marcha histórica de sua formação, o que assaz contribuía para fazer compreender bem sua constituição final. E não raro salientava as lacunas ou a fraqueza peculiar à inteligência humana, mesmo nos maiores gênios. Desse modo, lograva ele, simultaneamente, diversos objetivos: completar o conhecimento da teoria, salientar a disparidade extraordinária de nosso poder intelectual e da nossa aptidão moral; desenvolver a humildade, superando a vaidade. Claro é

*que semelhante ensino não podia estimular o pedantismo algébrico ou de qualquer outra espécie"*¹⁸.

Seu destaque a nível político emerge na vista do cruzador chileno *"Almirante Cockrane"*, que coincide com o intenso descontentamento que lavrava no meio militar face às ações que o Presidente do Conselho — Visconde de Ouro Preto — desenvolvia contra os militares ao criar milícias populares, procurando desta maneira, calar aqueles que militavam pela República.

Em presença do Ministro da Guerra, o Conselheiro Cândido de Oliveira, o aluno Vicente de Azevedo saúda os visitantes sendo que, após esta alocução surgem vivas ao *"Mestre — Benjamin Constant"*, que leva a curiosidade e estupefação aos visitantes.

Benjamin Constant discursa preconizando a paz. São estas suas palavras:

"Grato pelo honroso convite dos dignos alunos da Escola Militar da Corte para assistir a esta festa em que, associando-se galhardamente aos sentimentos de amor, reconhecimento e alta estima do povo brasileiro ao distinto povo chileno, vieram por sua vez, render justa homenagem de alta estima a briosa oficialidade da Armada Chilena... E que ela tem sabido compreender que essa larga instrução científica, naval e cívica, levada muito além dos planos do ensino oficial, e ainda mais necessária que a instrução mili-

tar para desempenho dos altos destinos sociais e políticos que neste século os exércitos são chamados a desempenhar no seio das nações. É que ela honrando as gloriosas tradições de nossa Escola Militar por tantos títulos venerada, tem compreendido que há para os exércitos modernos, e muito particularmente para os exércitos da livre América do Sul, uma ciência incomparavelmente mais nobre e mais fecunda em benefício da Humanidade do que a ciência da Guerra: é a ciência da paz"¹⁹ (o grijo é nosso).

Neste momento de seu discurso, passa a tratar das "questões militares" mostrando que o Governo as provocará sempre, e portanto, é por elas responsável. E voltando-se para o Conselheiro Cândido de Oliveira, conclui, exclamando:

"— Senhor Ministro: o Exército Brasileiro não é composto de janizários; debaixo da farda do soldado, pulsa o coração de um cidadão e patriota"²⁰.

A ovação se faz ouvir, retira-se o Ministro da Guerra ante os atônitos visitantes.

Já no Governo Provisório, diria ele, quando do banquete oferecido pelo Governo ao General José Siqueira, recém-nomeado Governador de Pernambuco:

"... Compreendeu essa mocidade que ela devia cooperar para que a Humanidade entre o mais depressa possível no franco regime industrial, e por isso mesmo compreendeu desde logo que o seu lugar era ao lado daqueles que pregavam a reforma

política e social de que dependiam o progresso e a ordem em nossa Pátria. Quero que se acentre cada vez mais a confiança nas intenções do Governo, do Exército, e sobretudo, desta mocidade na doutrina humanitária que tem o dogma: O Amor por princípio e a Ordem por base: O progresso por fim... Peço em nome de todos os que arriscaram a vida no dia memorável, dos que se divorciaram naquele dia do próprio coração para obedecer ao princípio sociológico de que a Humanidade vale mais do que a Pátria e a Pátria mais que a Família... O dia do meu maior prazer seria aquele em que o regime industrial, profundamente assentado e realmente triunfante, permitia o recolhimento ao museu da história das armas em que se empregam como elementos de destruição os metais que a natureza fornece ao homem para que, pela indústria, prolongue a vida e conquiste o bem-estar da Liberdade e do Progresso"²¹ (os gripos são nossos).

Embora ele jamais tenha pretendido impor pela força o Positivismo a quem quer que fosse, houve, no entanto, uma aceitação explícita dos princípios de Comte graças à grande influência que Benjamin Constant teve junto aos jovens estudantes da Praia Vermelha e ao Exército como um todo.

No dizer de Benjamin Constant Neto (1940), a divisa de nossa bandeira "Ordem e Progresso" seria a redação mais precisa da divisa de Diogo Feijó, o Padre Regente:

"Sem Ordem não há Progresso", e que sua escolha teria sido feita por Deodoro, por sua significação moral, pois quando nos fala de sua promoção, por aclamação, a General-de-Brigada, podemos sentir seu posicionamento quanto ao problema. São suas estas palavras:

*"Sei que fui infeliz, porque feri nas promoções, interesses de alguns de nossos companheiros, mas afirmo-vos que nem eu, nem aqueles que me auxiliaram, tiveram o malévolos intuito de prejudicar os legítimos interesses de quem quer que fosse. A minha boa fé poderá ter sido iludida, mas nunca abandonada"*²²

Pretendeu Benjamin Constant, atendendo à proposta do seu futuro genro capitão José Bevílaqua, que o Brasil restituísse ao Paraguai os troféus de Guerra, uma vez que o povo a quem havíamos combatido era forçado a isto por seu ditador, pois seu real desejo seria o congraçamento com seus irmãos brasileiros e que não tivessem em nossa América, a idéia de revanche tão comum aos europeus.

Ao assumir o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, procurou ser um bom brasileiro a ser um positivista, extinguindo o ensino oficial, que bom ou mau era o único refúgio às trevas da ignorância.

Rondon nos dá em *"Nóbulas esparsas sobre a vida e obra do Fundador da República"* os escritos que abaixo transcrevemos:

"A geração militar que surgiu depois da Guerra do Paraguai deve ao eminentíssimo mestre, nas

belas lições de matemática que ministrava, inspirações científicas da Filosofia Positiva de Augusto Comte, segundo a qual orientou o Magistério que exerceu por muitos lustros, desde quando explicador de matemática da Escola Central. Como matemático, ninguém o excepcionou. Professor, foi modelar no método de expor suas lições, apreciando sempre os assuntos segundo a Filosofia Positiva. Como Soldado, deu exuberantes provas de valor militar quando designado para operar na Guerra do Paraguai. Preferiu servir na linha de frente, dispensando ofecimentos que lhe foram feitos para mais comodamente exercer funções administrativas na retaguarda...

... Ao primeiro matemático brasileiro, pelo prestígio científico que pregava e ao mais entusiasta discípulo de Augusto Comte, esta reservada à incomparável ventura de orientar e conduzir a Revolução que veio a proclamar a República no eternamente glorioso 15 de novembro de 1889, há 50 anos.

Essa, — a sua maior glória e a sua maior grandeza. Diante desse nobre ato cívico, o seu saber científico se reduz a proporções convenientes, para dar lugar à Benemerência em que o Fundador foi incorporado à Imortalidade. Só por esse ato, que o destino da Sociedade brasileira fez surgir em determinado momento, o ardoroso Apóstolo da Religião da Humanidade, o que poderia vir a ser no destino do

Brasil, o Cidadão Fundador da República, se a educação e instrução do jovem aluno dos Padres Beneditinos fossem submetidos ao plano que Augusto Comte traçou.

E imaginai, por aquilo que esse aluno conseguiu em meio de tão trabalhosa iniciação, imaginai hoje o tipo que teríamos de contemplar.

Ah: recebei por um momento esse ideal e dizei se Benjamin Constant foi tão grande como poderia ter sido realmente.

... Homem puro, severo, enérgico e bondoso. Foi um impoluto cidadão: incomparável esposo. Do Cientista e Filósofo avançado, se transformou em Estadista sem par na nacionalidade brasileira. Deu lugar à formação política da trindade sintética da evolução nacional cujos termos surgiram no último quartel da época colonial, na agitação pela Independência e na Revolução que proclamaram a República: Tiradentes, José Bonifácio e Benjamin Constant.

*"Viva a República
Salve o Brasil!"²³*

O POSITIVISMO E O ENSINO MILITAR

A Guerra é a tônica maior de uma Instituição Militar. Desta maneira, o idealismo do positivismo foi de tal evidência que não foi só descurada como descartada mesmo.

Devemos, pois, entender Benjamin Constant como um grande mestre mas que não levou em conta esta realidade, talvez por razão

de seu próprio tempo. Assim, a preocupação científica em excesso, levou o Exército a uma baixa operacionalidade, pois, os oficiais eram muito mais cientistas-matemáticos do que cientistas-táticos, inclusive acampamentos eram resolvidos matematicamente, no que se refere aos espaços a serem ocupados pelos homens e suas barracas, não utilizando para isto o raciocínio tático que se impunha.

O Brasil, militarmente, pagou esta alteração de seguimento. O cientista e positivista se opunha à concepção de defesa nacional que é normal a todos os Exércitos, sendo que havia tendência de devolução dos troféus de guerra e de queima dos demais, um ideal romântico à época, enquanto que no mundo travavam-se guerras, como a dos Boers e a Sino-Japonesa.

Desta forma, estando desligados da realidade, não poucos usavam da Força Armada como trampolim para suas realizações pessoais, já que o Exército recebia estudantes pobres. Anulando-se em Segurança, o Exército no apogeu do Positivismo, procura a Moreira Cesar, profissional de tradição do Rio de Janeiro, rigoroso, que tinha ido a Santa Catarina combater a esquadra revoltosa que se unira à Federalista.

Assim para momentos de salvação nacional ia-se buscar o profissional combatente, o guerreiro, visto que dos cientistas formados pela Escola Militar, sob a égide do Positivismo, não se poderia buscar nem um sequer para estes momentos cruciais.

O Exército se desoperacionalizou, estava obsoleto em seu material, assim como as idéias passaram também a ser esquecidas, tanto que desde priscas eras havia regulamentos doutrinários, como o do Conde de Lippe e do Conde Beresford, que eram doutrinadores do Exército Português; havia também as Instruções da Infantaria de Portugal que foram reformuladas por Caxias, em 1864.

Em Canudos, a tropa regular, sem oficiais capazes, formados que eram nas casernas, sem tática alguma e sim com as que eram ensaiadas em pátio de quartel, a nível primaríssimo, sem preocupação com a logística, sofre perdas altamente significativas.

Anteriormente, no Sul, o mesmo despreparo ficou evidenciado quando as tropas de Gumerindo Saraiva apresentavam maior grau de operacionalidade que as tropas federais. A preocupação de Floriano, quando Gumerindo Saraiva subia para o Rio, foi mandar para a Lapa, Gomes Carneiro, a fim de que oferecesse resistência e, consequentemente, o Governo Federal ganhasse tempo.

No Rio Grande do Sul, no "Boi Preto", uma coluna revolucionária degolou por inteiro um Regimento regular. O Positivismo e o despreparo militar vão estar ligados àquelas gerações e os filhos dos heróis do Paraguai vão promover a reforma militar que seria uma resposta, neste campo, às consequências deletérias que o positivismo tinha provocado, principalmente, no Exército e na Escola Militar da Praia Vermelha, ou seja, uma des-

valorização completa da profissão militar.

Assim, nos Corpos de Tropa, os oficiais eram feitos nos combates, sem uma visão maior, mais nítida, pois os formados pela Escola Militar eram engenheiros, e estavam neste labor, enquanto que a tropa era simplesmente desprezada. A finalidade, pois, maior da Escola Militar, era graduar Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

A reação a tudo isto ocorreu com a revolta da Vacina Obrigatória, pois a situação de desrespeito da Força Militar — a partir da Guerra do Paraguai, acentuada com o falecimento de Osório e Caxias, grandes figuras que sustentavam o mínimo de respeito que o Exército merecia — foi criando um descontentamento militar.

A Reforma Militar

Duas correntes, deram origem à Reforma Militar: a primeira delas, a dos científicos que desejavam, com a componente filosófica-positivista, formar os cientistas-matemáticos; a outra, liderada, provavelmente, pelo próprio Deodoro, homem de tropa, desejando um Exército profissional, apto para executar ações de guerra.

O que vai acontecer? A quem Deodoro passa o seu bastão?

Hermes Rodrigues da Fonseca recebe de Deodoro a chama do profissional a ser defendida, bem como a Mallet que passa esta idéia a seu filho o depois General João Nepomuceno de Medeiros Mallet — criador do Estado-Maior do

Exército — que foi uma das molas mestras de todo complexo da Reforma Militar — que pode ser traduzida pelas derrotas de Canudos em que as forças federais perderam para brasileiros dos mais desprotegidos, e por três vezes, até constituir-se através de muitas gerações e muitos sacrifícios — a Força Expedicionária Brasileira que lutou ao lado dos melhores Exércitos do mundo.

Logo, sob o ponto de vista militar-doutrinário, Benjamin Constant não foi benéfico, no entanto, quanto ao enfoque Ético e Moral, podemos asseverar que sim.

Podemos, no entanto, entrever que Benjamin Constant não pretendeu as linhas que decorreram de seu pensamento, por vez que seus alunos o interpretavam e quando isto ocorre nem sempre há o seguimento daquilo que o mestre desejaria que fosse o entender de seu pensamento.

O uso do pensamento de ou-trem, para benefício próprio ou de um grupo, tem sido o apanágio da História da Humanidade, destarte não nos devemos deixar empolgar por tentativas interpretativas que, por vezes, descoram daquilo que o pensador tinha em mente.

Assim, o interesse em derrubar o regime monárquico, juntou-se à corrente de descontentes republicanos, a maçonaria francesa, a lutar desde a pacificação contra a maçonaria inglesa mas constitucionalista, monárquica, da qual Caxias era um dos representantes.

É evidente que tudo isto emerge, na Abolição da Escravatura e na Questão Militar. Assim é que,

o Positivismo foi uma corrente de pensamento que se nos afigura exótica ao contexto brasileiro. A formação moral elevada foi a tônica maior do Positivismo como: honestidade, probidade, a livre empresa, o ensino técnico.

A reação, que até hoje se sente ao Positivismo na Força Armada, a gota d'água, foi a revolta da Vacina Obrigatória em que agitadores externos, positivistas, influenciaram alunos da Escola Militar, para que pegassem em armas para defender o direito do outro de não querer ser vacinado. Os alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, que se tornou mais um centro político, prestaram-se a este papel, revoltando-se.

A decisão do General Argolo foi de fechar a Escola Militar, extinguindo-a. Diversos foram os destinos de seus alunos. Ficamos sem Escola Militar por quase um ano.

A necessidade de ter uma Força Armada, não poderia coexistir com a idéia do cientificismo. A Arte e Ciência Militar estavam evoluindo, era necessário que nos assenhorássemos deste conhecimento.

Desta maneira, foi criada a Escola de Guerra, em Porto Alegre que, como seu próprio nome indica, pretendia seguir a linha do combatente profissional, do guerreiro e que era denominado pejorativamente, de "curso alfafa".

Vemos aqui a encruzilhada do pensamento militar brasileiro, do Doutor ao Aspirante Oficial; do cientificismo, que predominou, desde 1810, com a Academia

Real Militar, formando engenheiros para atender aos problemas da colônia, para o profissionalismo militar, já que a Europa estava no apogeu da Revolução Industrial, com maquinaria que produzia armamento em profusão, que levava a guerra aos recônditos mais remotos e que se tornava total.

A própria iconografia militar, por exemplo, teve solução de continuidade com a Proclamação da República. As batalhas campais e navais, que eram representadas até então, pelos maiores pintores brasileiros, deixaram quase que num repente de serem realizadas. O "inconsciente delenda" das tradições aqui também deixou a seqüela de sua passagem.

Em 1913, a Escola Militar foi para o Realengo; entre as duas escolas, houve um ideal de unificação.

No relativo à campanha do contestado, o comandante da Força, General Setembrino de Carvalho, dizia negativamente da formação dos oficiais.

As vésperas da I Guerra Mundial, nós nada sabíamos, estávamos românticos com linhas de tiro, Guarda Nacional, etc. Como reação mandamos para o "front" europeu nossos oficiais mais capazes para lutar com a França para aprender. O General Potiguara, um dos heróis de S. Quentin, o Tenente José Pessoa que esteve em Saint Cyr, o Capitão Leite de Castro, posteriormente Ministro da Guerra, também esteve em Saint Cyr, mandados que foram por Wenceslau Brás. De lá, trouxeram a idéia da Aca-

demia Militar das Agulhas Negras, do espadim, do uniforme.

Wenceslau Brás dá outro grande lance, adota o Serviço Militar obrigatório, pois embora datasse de 1908 a lei que o instituía, não era a mesma cumprida, com reações em várias áreas, inclusive do próprio Exército. É o caráter nacional e de integração que é dado ao Exército, extinguindo, inclusive, a Guarda Nacional, a qual fora criada por Feijó para acabar com o Exército, na circunstância da Regência. Então fora a corrente liberal que considerava o Exército como um ingrato a seu criador, o Imperador D. Pedro I, o que o havia forçado a exilar-se, provocando a ocorrência dos distúrbios que se seguiram à abdicação de D. Pedro I. A Guarda Nacional defendia o particular, pois em princípio o potentado do lugar, o rico, com sua riqueza, tinha o poder político e com isto comprava ou adquiria o grau máximo na Guarda Nacional. Desta maneira, a defesa nacional estava a mercê do interesse particular e o Exército não tinha posição. Se acontecesse de crescer durante uma guerra, após a mesma era reduzido para que não perturbasse.

Como eram poucos os que tinham ido a outras plagas haurir os ensinamentos, inclusive nos campos de batalha, urgia buscar uma solução para realmente modificar este "status quo". Daí, para tornar uma força de defesa adequada, buscou o Exército uma "Missão Militar Francesa", isto com uma defasagem de quase vinte anos do Estado de São

Paulo, que já possuía a sua desde 1906.

As Escolas Militares de então não reuniam em seu Corpo os melhores oficiais do Exército. Optou-se então por um Concurso no Brasil. O Estado-Maior interferiu e dentre os aprovados surgiram então oficiais do escopo de Euclides Figueiredo e Odílio Denys, um dos mais moços e ainda vivo.

Estes oficiais selecionados viriam constituir um corpo conhecido, a partir daí, por "Missão Indígena". Os primeiros alunos deste grupo foram os fundadores da atual Escola Superior de Guerra. Coube-lhes, inocular, não só o germe de modificação, como também se posicionarem, ao longo do tempo, em busca das modificações por eles preconizadas. Juares Távora, Cordeiro de Farias e a Coluna Prestes, entre outros, procuraram o conhecer do Brasil — pois até então o conhecimento do Brasil limitava-se ao Rio de Janeiro.

Alguns depois fizeram composições no período do tenentismo; outros foram até o fim e morreram lutando por seus ideais.

Desta Reforma Militar, o maior feito realizado foi o estabelecimento da Escola Militar de Resende.

A Biblioteca do Exército

Mas o pensamento militar brasileiro, evidentemente, não se faria tão somente com a instrução no Corpo de Tropa, nos quartéis. Ainda como no Império, nada se escrevia, não existiam revistas, pe-

riódicos, trocas de informações; tudo vinha de fora, ninguém sabia escrever nada.

Ora, nesta reforma, era necessário que as idéias transitassem. Vemos o General Golbery do Couto e Silva, traduzindo regulamento sobre Morteiros, a "Revista Militar Brasileira" que editava livros de oficiais e os distribuía pelo Brasil inteiro.

Estes escritores, que se iniciaram na "Defesa Nacional" em seus primórdios e na Biblioteca do Exército, (esta criada em 1937, dentro da Reforma), surgem como grandes figuras militares.

Esta reforma foi criada paralelamente e sustentada por uma gama de escritores como Tasso Fragoso que foram escrever para minimizar o deserto cultural que grassava.

Tasso Fragoso, quando Adido Militar na Argentina, sentiu-se constrangido pelo desconhecimento de passagens históricas.

Sentiu mágoa pelo desprezo a que eram relegadas nossas glórias e tradições, desprezo provocado pela filosofia positivista que mandava que fossem esquecidos tais fatos de guerra, e ainda, pelo desprezo com que eram considerados dentro do espírito da Religião da Humanidade, aqueles soldados, heróis da Guerra do Paraguai com o peito recoberto de medalhas por seus feitos, vistos apenas como "assassinos profissionais desprezíveis".

O positivismo, desta maneira, na Força Armada, pretendia abolir as tradições castrenses.

A finalidade maior, pois da Bi-

blioteca do Exército, foi a de dar apoio aos escritores militares, porque os civis não possuíam a infraestrutura que deveria ser emprestada aos escritores militares. Este enfoque não deve ser alterado a fim de que não feneçam os objetivos daqueles que a criaram.

Há necessidade de que pensadores militares, através de textos sobre a tática das armas básicas tenham em seu complexo, o apoio necessário para suas publicações. Enfim, o que se deve ter é uma corrente de pensamento militar para que o Brasil seja potência do ano dois mil.

Do estudo e de viagens que realizamos pelo mundo, depreendemos que um Estado só é potência na medida em que for potência militar.

O Japão, de uma maneira genuína, venceu tais dificuldades. Nada sabendo da guerra moderna no início do século, já na guerra russo-japonesa, se sobrepondo ao inimigo porque absorveu o conhecimento das missões francesa e alemã, fundindo o que havia de positivo em uma e outra, escoimando os aspectos negativos.

O que é necessário pois, é que seja feito o fulcro com pensadores militares brasileiros, de uma doutrina militar brasileira, genuína.

Se hoje somos uma dimensão continental, não somos por acaso, temos, em cada recanto de nossa fronteira, um Forte. Tivemos experiências de luta interna e externa, a maior parte vitoriosa. Aí está o pensamento militar brasileiro, uma componente desta Doutrina Militar Brasileira, que deseja-

mos e que tem sido copiada daquele que tem o pensamento militar dominante em cada época. Houve época em que foi do alemão, quando começou a reforma, à época de Hermes da Fonseca, que enviou oficiais para a Alemanha. Logo após, a Missão Francesa e posteriormente, a Missão norte-americana.

É claro que para elaborarmos a nossa Doutrina Militar, ela não surgirá como num toque de mágica; é sim, antes, um trabalho metódico a que os escritores militares devem se ater para que o Exército tenha uma doutrina própria a fim de que, assim, chegue à condição de grande potência.

Desta forma, o lance para o ano dois mil, o do Brasil grande potência, tem que dar o valor para o Exército de pensadores e escritores.

Enquanto na parte da Ciência Militar, estamos realmente em desenvolvimento cada vez maior, não só para o consumo interno, como inclusive, para exportação, não estamos no mesmo pé a nível intelectual,

Sabemos que a Ciência evolui enquanto que a parte tática e da doutrina possui seus princípios básicos e gerais, devendo permitir a elaboração de uma doutrina consentânea ao novo raiar do século.

Não podemos ser grande nação, se copiarmos a doutrina de outras potências e quiçá, nem copiarmos a doutrina do hoje e sim a do ontem para ser aplicada no amanhã. Há necessidade de que tenhamos escritores e pensadores.

Voltando ao relato que fazíamos, a Reforma Militar foi realizada por um grupo de oficiais que, intelectualizados, viram o enfoque profissional. Vimos, no passado, figuras proeminentes como Gen. Borman, Tasso Fragoso e mais recentemente Castelo Branco.

Muitos, ao buscar na História, as lições maiores, não tiveram tempo sequer de uma tentativa interpretativa, tendo que se limitar a reconstituir o passado.

O ensino no Brasil evolui e dessa maneira, os instrumentos e as técnicas de interpretação estão mais a nosso alcance do que aos que nos antecederam.

Vê-se, pois, que o positivismo longe de dar ao Exército condições de ponderável desenvolvimento, veio a ser uma linha de pensamento exótico ao meio militar. Houve uma confusão entre o pensar e o agir, e quem pagou o ônus foi o Exército, não em seus princípios, mas em suas interpretações.

Cada um o fez como quis.

A Formação Positivista e sua Influência em Alguns Personagens Nacionais

Entendemos que o maior intérprete teórico e prático do Positivismo foi o Marechal Rondon que soube combinar a realidade de seu compromisso com a defesa da Pátria e seu compromisso com a Humanidade.

Sua religião da Humanidade foi por ele buscada na pesquisa da integração dos milhares dos brasílios. Quando a Coluna Prestes, em

1924, varou os sertões, Rondon já lá havia estado em busca não só de novas fronteiras físicas, do curso do rio da Dúvida, mas sim da fronteira humana, de integração do sivícola, dos quais descendia e para os quais se dedicava com o afínco de uma existência.

Porém, na época em que foi chamado pela "Missão Militar Francesa", destacou-se em Curso brilhante a ponto de que o General Gamelin, profissional de vasta experiência, oficial de operações de Sedan, quando perguntado que oficial brasileiro escolheria em caso de guerra, não hesitou em apontar o General Rondon.

Fiel, entendeu o Positivismo dentro de uma realidade, escoimado do romantismo. Militar de profissão e côncio de sua vocação, atuou em prol da Humanidade e promoveu militarmente a paz.

Tasso Fragoso e Rondon foram os alunos mais expressivos de Benjamin Constant. Rondon nunca diminui sua devoção ao mestre amado, já Tasso Fragoso faz, em certa altura, na introdução a seu livro "Batalha de Passo do Rosário" como que um ato de contrição, de arrependimento, de conversão mesmo à fé católica, acreditando em Deus, deixando o agnosticismo.

Assim, Benjamin Constant se apresenta como a figura máxima do cientificismo militar, enquanto Floriano Peixoto encarnaria como a figura máxima, na época, o profissionalismo militar. Destacou-se na Guerra do Paraguai combatendo, enquanto Benjamin Constant

foi à guerra, não se enquadrando no trato da campanha.

Tasso Fragoso começou a ser ouvido, Herói da Revolta da Armada, comandou uma peça de artilharia na ponta da Armação, sendo ferido gravemente em combate. A carta que Floriano a ele endereçou e seu uniforme, manchado de sangue, encontram-se no Museu da Academia Militar das Agulhas Negras. Ao longo de sua carreira, oscilou entre Benjamin Constant e Floriano, tendo dedicado seu livro "*Guerreiro*", primeiro a Floriano, e desta maneira, foi compreendido na importância do militar na defesa do país. Não encontrou muito apoio para suas idéias no Positivismo. Achou-o incoerente com a sua carreira.

Em "*Memória de um Soldado Legalista*", Estevão Leitão de Carvalho — historiador, militar da melhor expressão, sempre legalista, ofereceu resistência à Revolução de 1930, em Porto Alegre — comenta as distorções do Ensino Militar. Participou ativamente da Reforma Militar. Foi nosso "filtro" nos Estados Unidos, da organização de nossa Força Expedicionária Brasileira, como chefe da Missão Militar Brasil-Estados Unidos.

O grande perigo dos enfoques filosóficos, tal como o do Positivismo no Brasil, no que diz respeito ao Exército, foi o romanticismo que lhe era inerente e como tal não permitiu que o Exército tivesse uma visão da realidade nacional e internacional mais adequada.

Rondon, pois, apresenta-se como o único que, sendo fiel à Humanidade, não desonrava seus compromissos para com a Pátria que ele jurara defender.

Podemos ver ainda o Positivismo prático de Júlio de Castilhos, a imposição de determinadas posições. O Governo forte, por exemplo, é uma delas. Na Revolução de 1964, vemos este enfoque retomado com o Sistema Presidencial sem solução de continuidade. A influência Castilhista se faz sentir.

As distorções sempre se fizeram sentir. No próprio Rio Grande do Sul tínhamos, de um lado, o liberal Gaspar Silveira Martins, que preconizava a paz, humanismo, enquanto do outro lado, tínhamos Júlio de Castilhos, positivista, da religião da Humanidade, do lema "*não matar, não guerrear*". Estes homens foram os protagonistas do movimento armado mais sangrento e mais bárbaro, que jamais aconteceu no Brasil, que foi a Revolução Federalista em que o regime era o da "*degola*", trazido segundo alguns, de próceres uruguaios e argentinos que teriam como norma de ação corriqueira, a degola de seus adversários. Na própria Guerra do Paraguai isto aparece. Desta forma, percebe-se a grande influência do ideário da Revolução Farroupilha. As qualidades do cavalheirismo do gaúcho "*rude, mas doce*". Osório, era a própria encarnação disto. Aos vencidos, o perdão, o respeito à propriedade e à família. Nem o líder liberal nem o chefe positivista tiveram

condições de não permitir esta ação que desafina do pensamento positivista.

A idéia de conservador no Brasil que se opõe a liberal, antes de ser entendida como algo retrógrado e sem horizontes, há de ser percebida como o prudente, o sensato e o reflexivo, que tira lições da História e é representada pela Escola Militar e seus egressos. Se argumentarmos, por exemplo, que Osório teria sido um liberal, ele o foi nominalmente, em termos regionais, Rio Grande do Sul, mas sua atuação foi conservadora.

Tal linha do agir se contrapõe à corrente jurídica, da Escola do Largo de São Francisco, fundada por General Toledo Arouche e pelo Visconde de São Leopoldo, formado em Direito por Coimbra, e que criaram os Cursos Jurídicos do Largo de São Francisco.

Assim, quanto mais liberdade houver, mais choques sociais, maior necessidade de interferência da ordem legal, para dirimir dúvidas. Quando a confusão se torna por demais caótica, estes liberais socorrem-se dos conservadores da Força Armada para a manutenção do Estado de Direito.

Por este motivo, há um predomínio dos juristas na composição política do país em lugar de profissionais de outras áreas.

Segundo Ruas Santos, o inconsciente coletivo faz com que ainda no Exército de hoje exista uma influência lavrada profundamente pelos positivistas, razão pela qual existem ainda problemas como o ceticismo, em atitudes tais como: "onde está escrito?",

e uma desvalorização do culto de nossas tradições militares.

E, por outro lado, em consequência da reação ao Positivismo, ainda hoje, não se vota prestígio a atividades que não sejam de natureza específica técnico-militar.

Julio de Castilhos

O Castilhismo²² representou, na evolução do pensamento positivista, uma versão heterodoxa, porquanto inverteu a ordem de valores prescrita por Augusto Comte para a regeneração da sociedade. Enquanto o pensador francês propunha um processo pedagógico (mudar as mentes e os sentimentos) para que daí surgisse a sociedade racional, nunca antepondo a política à reforma moral, os castilhistas inverteram os fatores: preocuparam-se, em primeiro lugar, por consolidar um Estado forte, para, a partir daí, deflagrar amplo processo educativo e reformador. Tal é o cerne do posicionamento de Julio de Castilhos (1860-1903), seguido por Borges de Medeiros (1863-1961), no Rio Grande do Sul e por Pinheiro Machado (1851-1915) e Getúlio Vargas (1883-1954) a nível nacional. O positivismo político castilhista comportar-se-ia, aliás, de forma semelhante ao seu congênero mexicano, "o porfirismo"²³.

A ditadura castilhista instaurou-se no Rio Grande do Sul, ao abrigo da proclamação da República, (1891). Júlio de Castilhos, o inspirador e chefe máximo do movimento gaúcho, participou ativamente da propaganda republicana,

como redator do órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, a "Federação" de Porto Alegre. A liderança republicana que acompanhou Castilhos na sua empreitada, formara-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde desde a década de 1960 era divulgado o ideário positivista. O propósito de Castilhos, como líder da bancada gaúcha no Congresso Constituinte da República (1891), era o de radicalizar as posições, a fim de que fosse adotado o modelo da ditadura científica. Tendo percebido que a sua proposta não seria aceita, devido à ação dos liberais chefiados por Rui Barbosa (1849-1923) na "Comissão dos 21", que elaborou o projeto de uma nova constituição, Castilhos decidiu materializar o seu modelo autoritário no Rio Grande do Sul. E conseguiu o seu propósito com bastante sucesso, como se vê da longa vigência que teve a Constituição Estadual por ele redigida em 1891, que se conservou inalterada por mais de três décadas, até 1930.

O Castilhismo realmente fez inovações em matéria constitucional no Brasil republicano. Contrariando a tripartição de poderes e o seu equilíbrio, que inspiravam a Carta Federal, a Constituição Gaúcha de 14 de julho de 1891, estabelecia a preeminência indiscutível do Executivo sobre os outros dois poderes, mesmo em matéria legislativa, que passou a ser prerrogativa exclusiva do Presidente do Estado. O Castilhismo representou, assim, o primeiro esforço de sistematização da tendên-

cia autocrática de predomínio do Executivo, que já se tinha anunciado na retórica autoritária de muitos líderes da propaganda republicana, como Quintino Bocaiúva (1836-1912) ou Silva Jardim (1860-1891).

O cerne do autoritarismo castilhista repousava nos artigos 7 a 11 da Constituição gaúcha (Estado do Rio Grande do Sul (1891) que rezavam assim:

Art. 7º — A suprema direção governamental e administrativa do Estado compete ao Presidente, que a exerceirá livremente, conforme o bem público interpretado de acordo com as leis.

Art. 8º — Assumirá o Presidente a inteira responsabilidade de todos os atos que praticar no exercício das suas funções, aos quais dará toda a publicidade para completa apreciação pública.

Art. 9º — O Presidente exercerá a Presidência durante cinco anos, não podendo ser reeleito para o período seguinte, salvo se merecer o sufrágio de três quartas partes do eleitorado.

Art. 10º — Dentro dos seis primeiros meses do período presidencial, o Presidente escolherá livremente um Vice-Presidente, que será o seu imediato substituto no caso de impedimento temporário, no de renúncia ou morte.

Art. 11º — O Vice-Presidente sucedendo ao Presidente em virtude de renúncia ou morte deste, exercerá a presidência até a terminação do período governamental²⁴.

O Presidente do Estado recebia tal acúmulo de atribuições, que a sua autoridade tornava-se praticamente ilimitada. Eis a enumeração daquelas, segundo o disposto no Artigo 20 da Carta Sul-Rio-grandense: 1) Promulgar as leis (que não estivessem relacionadas ao orçamento); 2) Dirigir, fiscalizar e defender todos os interesses do Estado; 3) Organizar, reformar ou suprimir os serviços dentro das verbas orçamentárias; 4) expedir decretos, regulamentos e instruções para a execução das leis; 5) convocar extraordinariamente a Assembléia dos Representantes e prorrogar as sessões quando o exigir o bem público; 6) Expor cada ano a situação dos negócios do Estado ante a Assembléia dos Representantes, "indicando-lhes as providências dela dependentes"; 7) Preparar o projeto de orçamento para submeter à Assembléia no começo das sessões; 8) Realizar empréstimos e outras operações de crédito, de acordo com as autorizações do orçamento; 9) Aprovar as desapropriações de utilizações de utilidade pública; 10) Organizar a força pública do Estado, distribuí-la e movimentá-la; 11) Destacar e utilizar a guarda policial dos municípios em caso de necessidade; 12) Criar e prover os cargos civis e militares, segundo o orçamento; 13) Prestar, por escrito, todas as informações que pedir a Assembléia (restrinse, em emenda posterior, a matéria das informações que a Assembléia podia exigir ao Presidente, reduzindo-a conforme o emprego do orçamento por ela votado); 14)

Pedir ao Governo da União o auxílio direto das forças federais em caso de necessidade, e protestar perante ele contra os funcionários federais que embaracem e perturbem a ação do Governo do Estado; 15) Estabelecer a divisão judiciária; 16) Resolver sobre os limites dos municípios, alterando-os de acordo com os conselhos. No entanto, o Art. 62 § 2, dizia assim: *O (município) que não estiver nas condições de prover as despesas exigidas pelos serviços que lhe incumbem poderá reclamar ao Presidente do Estado a sua anexação a um dos municípios limítrofes, devendo o Presidente suprimi-lo mesmo sem reclamação se verificar aquela deficiência de meios; 17) Manter relações com os demais Estados da União; 18) Declarar sem efeito as resoluções ou atos das autoridades municipais, quando infringir leis federais ou do Estado; 19) Decidir nos conflitos de jurisdição que se apresentarem entre os chefes da administração; 20) Providenciar sobre a administração dos bens do Estado e decretar a sua alienação na forma da lei; 21) Organizar e dirigir o serviço relativo às terras do Estado; 22) Desenvolver o sistema de vias de comunicação do Estado; 23) Conceder aposentadorias, jubilações e reformas; 24— Conceder prêmios honoríficos ou pecuniários por notáveis serviços prestados ao Estado; e 25) Tomar providências, controlar estritamente as eleições municipais sugeridas pelos cidadãos aos projetos de Lei. No caso extremo de um eventual julgamento político ao Presidente do*

Estado, ele encontrava garantias para a sua defesa e absolvição graças à peculiar integração do tribunal, do qual formavam parte dez membros da Assembléia Legislativa (controlada totalmente pelo Partido do Governo, cujo único líder era o Primeiro Mandatário) e pelos novos membros do Superior Tribunal do Estado, que eram nomeados pelo Presidente²⁵.

A essência filosófica do Castilhismo consiste na crença, na possibilidade da estruturação da sociedade racional e na convicção de que isso se conseguiria mediante a supressão da representação de interesse e a sua substituição pela ação única do Estado alicerçado na ciência²⁶.

O poder adviria do saber, mas de um saber incorporado pelo Estado, bem ao estilo do empirismo mitigado pombalino.

O Castilhismo se revelaria uma filosofia política de grande fôlego, levando em consideração que constituiu o núcleo de idéias em que se alicerçou a ação modernizadora-centralista que Getúlio Vargas deflagrou na década de trinta. O Castilhismo, e não o corporativismo ou o fascismo, conforme salientou Vélez Rodríguez, foi a fonte de inspiração da segunda geração castilhista (integrada por Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, Batista Luzardo, Paim Filho, etc) que rodeou Getúlio nessa empreitada²⁷. A nova formulação do Castilhismo teria como característica fundamental uma maior agilidade política, ao conseguir cooptar as outras tendências ideológicas pre-

sentes no cenário político nacional, mesmo assumindo, quando necessário, aparências liberais²⁸. (Continua no próximo número).

1. Tese apresentada na Universidade Gama Filho para a obtenção do Mestrado em Filosofia.
2. MARIAS, Julian. *Introdução à Filosofia*. 3^a ed., Duas Cidades, São Paulo, 1947.
3. COMTE, Augusto. *Curso de Filosofia Positiva*. /Trad. José Arthur Gianotti. In: Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, Vol. XXXIII, pág. 9.
4. COMTE, Augusto, Op. cit. p. 10. V. nota 3.
5. COMTE, Augusto, Op. cit. p. 10, V. nota 3.
6. GRUBER, Hermann Joseph. *O Positivismo Ortodoxo no Brasil*. São Paulo, Revista Brasileira de Filosofia, Vol. XV, Fase 59, Cupolo Ltda, 1965, p. 323.
7. VERGEZ, André e Huisman, Denis. *Introdução à Filosofia das Ciências*. Trad. Lélia de Almeida Gonzales, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1970, p. 155.
8. DOWNS, Robert B. *Fundamentos do Pensamento Moderno*. Rio de Janeiro, Renes, 1969, p. 165.
9. VERGEZ, André e Huisman, Denis. Op. cit. pág. 29, V. nota 7.
10. PAROLINI, Eulalia et alii. *A Contribuição de Rondon para a Antropologia Brasileira*. Revista do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro, DACEC (2): 7-18, abr/jun. 1982, Vol. 119.
11. MULLER, Lauro — *Conferências*, Liga da Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 15-11-1921.
12. MOTTA, Jeovah — *Formação do Oficial do Exército*. Rio de Janeiro, Ed. Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1976. p. 189.
13. MOTTA, Jeovah — *Formação do Oficial do Exército*. Rio de Janeiro, Ed. Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1976. p. 190.
14. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, Conferências, Suplemento Literário de "Amanhã", 16/8/42.
15. ARARIPE, Tristão Alencar — *Tasso Fragoso, um pouco de história de nosso Exército*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1960, p. 140.
16. MENDES, Teixeira Raimundo — *Esboço biográfico de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, 1960.

- Janeiro, s. ed., 1913, cit. por Araripe, V. nota 15, p. 141.
17. CARDOSO, Licínio — *Benjamin Constant, fundador da República*, in à margem da História da República, s.e, s.d.
18. XAVIER, Agliberto — *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 1^a ed., 1939.
19. NETO, Benjamin Constant. *Benjamin Constant*. Leuzinger S.A., Rio de Janeiro, 1940, pág. 59.
20. IDEM, pág. 60.
21. Id. ibid. pág. 76, V. nota 19.
22. Id. ibid. pág. 87, V. nota 19.
23. Id. ibid. pág. 116, V. nota 19.
22. RODRIGUES, Ricardo Vélez — *O Castilhismo uma filosofia da República*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, 1980. Do mesmo autor *O Castilhanismo e o Trabalhismo após 30* (Unidades VII e VIII do Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro). Brasília, Universidade de Brasília, Decanato de Extensão, 1982. Idem "A Filosofia Política de Inspiração Positivista no Brasil", Rev. *Ciências Humanas*, Universidade Gama Filho, I (3): pág. 11/12, out/dez/77.
23. ZEA, Leopoldo — *El positivismo en México, apogeo y decadencia*. Mexico, Fondo de Cultura Económica 1^a ed., 1968. Do mesmo autor "El positivismo", in *Estudios de la historia de la filosofía en México*.
- México, Universidad Nacional Autônoma, 1973.
24. Cf. Estado do Rio Grande do Sul. *Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Of. Graf. de "A Federação". 1891.
25. Cf. *Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul*. ob. cit. art. 21 V. nota 24.
26. PAIM, Antonio. *Getúlio Vargas, o Castilhismo e o Estado Novo*. Rev. Convivium, 22(4) pág. 358/372, jul/ago, São Paulo, 1979.
27. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Tradição Centralista e Aliança Liberal* Centralista e Aliança Libera. i Centralista e Aliança Liberal.in: Brasil, Congresso
27. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Tradição Centralista e Aliança Liberal*. in: Brasil, Congresso — Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação — Aliança Liberal: *documentos da campanha presidencial*, introd. de Ricardo Vélez Rodrigues, 2^a ed., Brasília, 1982, pág. 9/43.
28. Cf. BRASIL. CONGRESSO — Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. *Cultura política e o pensamento autoritário*, introd. de Ricardo Vélez Rodrigues, Brasília, 1982, pág. 11/22.



O Cel. Inf. ME João Marinonio Aveiro Carneiro é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF), Doutor e Livre-Docente em Sociologia da Educação (UFRJ) e Doutor em Filosofia (UGF). É professor de Filosofia na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).